



**O FUTURO É LARANJA!
ENTRE PRESENTES E FUTUROS DA PROFISSÃO E IDENTIDADE DOCENTE A
PARTIR DOS DESENHOS DO SEGUNDO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**THE FUTURE IS ORANGE!
PRESENTS AND FUTURES OF THE TEACHING PROFESSION AND IDENTITY
BASED ON DRAWINGS BY SECOND-YEAR ELEMENTARY SCHOOL
STUDENTS**

Cleison Rafael Goulart da Silva¹

Docente Rede Pública Municipal do Rio Grande/RS

Resumo: “O que é ser professor hoje e daqui a 100 anos?”, essa foi a pergunta disparadora de uma série de desenhos realizados pelos estudantes do segundo ano do ensino fundamental da E.M.E.F. Admar Corrêa. Desenhos que ensejam alguns apontamentos acerca de como as crianças olham a figura do professor e a profissão docente sob diferentes tempos, em uma dinâmica reflexiva entre o desenho, a narrativa e a docência. Dialogando com autores como José Contreras, Bernard Charlot, António Nóvoa, Júlio Emílio Diniz-Pereira e Boaventura de Sousa Santos, o presente texto perpassa a identidade docente, as dinâmicas escolares e os desafios da profissão.

Palavras-chave: Arte/Educação; formação de professores; desenho; ensino fundamental.

Abstract: “What does it mean to be a teacher today and in 100 years?” This was the question that sparked a series of drawings by second-year elementary school students at E.M.E.F. Admar Corrêa. These drawings offer some insights into how children view the figure of the teacher and the teaching profession at different times, in a reflective dynamic between drawing, narrative, and teaching. In dialogue with authors such as José Contreras, Bernard Charlot, António Nóvoa, Júlio Emílio Diniz-Pereira, and Boaventura de Sousa Santos, this text explores teaching identity, school dynamics, and the challenges of the profession.

Keywords: Art/Education; teacher training; drawing; elementary school.

¹Docente de Arte da rede pública municipal do Rio Grande/RS. Mestre em Educação (PPGE/FaE/UFPel). Especialista em Artes, terminalidade: Ensino e Percursos Poéticos (CeARTE/UFPel). Licenciado em Artes Visuais (FURG). Desenvolve pesquisas sobre ensino de arte, cultura visual, visualidades e formação de professores. <http://lattes.cnpq.br/5267854406000496>



1 INTRODUÇÃO

Figura 01 – Futuro



Fonte: Lavínia

Lavínia, estudante do segundo ano do ensino fundamental, imagina que daqui a 100 anos a escola será totalmente laranja, exceto o traje amarelo dos professores, solução encontrada na cor análoga para não camuflar a presença docente.

Segundo a teoria das cores, o laranja origina-se a partir da mistura do amarelo e o vermelho, e, por ser um tom quente, representa impulso, vibração e vitalidade. Van Gogh dizia que não existe laranja sem o azul, por isso cores complementares. Enquanto o azul neutraliza e pacifica, o laranja lateja e grita, não à toa estampa uniformes de operários, cones de trânsito, botes e coletes salva-vidas.

É nesse sinal de alerta laranja que o presente artigo pretende trazer algumas reflexões acerca do que é ser professor a partir das produções dos educandos. Os trabalhos aqui apresentados foram desenvolvidos na Escola Municipal de Ensino Fundamental Admar Corrêa, localizada no bairro Vila Santa Tereza, região periférica e concebida em torno do porto novo da cidade do Rio Grande/RS, que atende, em sua maioria, filhos de pescadores, caminhoneiros e operários, do berçário ao fundamental completo. Essa proposta envolveu 14 estudantes do segundo ano do ensino fundamental com idades entre 8 e 9 anos durante as aulas da disciplina de Arte, ministradas às terças-feiras das 13h30 às 17h30 e sextas-feiras das 13h30 às 15h.



Para dar início a esse estudo, houve uma conversa prévia sobre o que é ser professor a fim de trazer os estudantes para a proposta em fluxo de consciência sobre o tema. Após esse diálogo introdutório, cada um recebeu uma folha branca tamanho A3 que foi dividida ao meio por uma linha, separando-a em dois lados. Em uma das faces foi pedido que retratassem o que é ser professor nos dias atuais e da outra um século a frente. Ao final, cada aluno apresentou o seu trabalho para a turma, explicando aspectos representados dentro e fora do desenho.

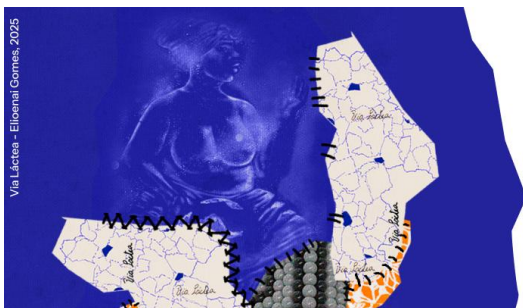
2 DESENVOLVIMENTO

Figura 02 – Presente e futuro



Fonte: Helloá

A primeira a apresentar foi Helloá que, quando questionada sobre o que é ser professor, responde: *Ser professor deve ser muito difícil porque tem que fazer muitas coisas para os alunos. Sendo mais específica: Tem que ensinar um monte de coisas para os alunos terem um futuro melhor.* Um futuro que será da mesma forma como é hoje, com elementos que são, sob o seu ponto de vista, importantes em uma escola. Um grande quadro verde com um conteúdo escrito. Uma longa seta indicando a entrada da escola. E, mais abaixo, perto do portão de acesso, a inscrição “ser professor é”, como se para adentrar nesse espaço, precisasse, primeiro, ter um complemento para essa sentença. Contudo, há como completar essa lacuna? O que configura ser professor? Existe uma identidade docente?



A identidade docente compreende-se como um conjunto complexo de experiências e conhecimentos que engendram a profissão e origina-se das “teias de relações sociais, históricas, políticas, econômicas e culturais” (DINIZ-PEREIRA, 2016, p. 14). Existem as dimensões individuais e coletivas da identidade docente, que é socialmente e culturalmente atravessadas sob diferentes ângulos. De um lado, segue Júlio Emílio Diniz-Pereira,

existe o significado da profissão de magistério. Contudo, esse significado é constantemente reinterpretado quando os professores estão em contato com as escolas, outros professores, pais, diretores e sindicatos. Do outro lado existe o significado que professores atribuem ao seu próprio ofício. Esse significado é construído a partir de sua história pessoal, sua trajetória educacional e profissional, seus interesses, valores e sentimentos, bem como suas representações sociais e seu conhecimento (2016, p. 15).

Figura 03 - Presente



Fonte: Miguel Escobar

Miguel Escobar representa a própria sala de aula, com os alunos dispostos um atrás do outro e o professor explicando operações matemáticas. Tem-se uma imagem tradicional do espaço escolar e das posições dos estudantes e docentes. Essas caricaturas que se familiarizam com a profissão de magistério, assumem uma qualidade essencialista da identidade docente. Como se houvesse uma natureza legítima daquilo que se configura como professor, em uma perspectiva única e coerente tanto na ação corpórea quanto no conteúdo, sendo essa posição solidificada por toda a vida do indivíduo. O modelo essencialista, se aproxima a uma tábula rasa, na qual o sujeito vazio irá receber as ferramentas para a “aquisição de habilidades predeterminadas, normalmente por meio de “imitação, repetição e assimilação””



(Diniz-Pereira, 2016, p. 18), e assim escrever sua identidade em torno dos meios adquiridos.

Em contraposição a um modelo que adota um espírito singular docente, o modelo relativista abraça uma complexa rede de fatores sociais que vão moldando as identidades como etnia, gênero, orientação sexual e classe social. Abre para a construção de uma identidade atravessada por ideologias, contradições e discursos, numa concepção dialógica com o espaço de atuação. Citando Jane Danielewicz (2001), Diniz-Pereira aponta que

(...) a decisão de se tornar um professor resulta de uma resolução de contingências” (p. 39). Para ela, “tornar-se um docente” é “(...) um processo de formação de identidade em que indivíduos definem-se a si mesmos e são vistos por outros como professores (2001, p. 03, apud 2016, p. 22).

Assim, o relativismo considerada o outro no processo de formação. Constituir-se professor parte também das interações sociais, das trocas entre os indivíduos, uma vez que mobiliza o olhar do outro.

É possível pensar na formação de professores em múltiplas realidades em que competem ideologias, discursos e práticas diferentes. Com base nos estudos de Deborah P. Britzman (1991), o autor também destaca que, na abordagem relativista, a cultura é um processo reinventado, renegociado e reinterpretado por seus participantes, de modo que identidades e desejos são mobilizados e construídos dialogicamente.

Já o modelo crítico integrativo, propõe trazer a pesquisa narrativa, incorporando as autobiografias, histórias orais e memórias na tentativa de evocar a voz de uma identidade que se posiciona política e criticamente. O interesse pela produção de significados que se estruturam a partir das narrativas revelam, como destaca Diniz-Pereira em Michael W. Apple (1996),

dinâmicas de poder que são consideradas importantes, e olhar para as histórias e as relações contraditórias entre elas e ao mesmo tempo não ignorar as dinâmicas de classe - não apenas mais elegantemente – como verdadeiramente constitutivas (1996, p. 133, apud 2016, p. 27).



Esse último nos remete a um exercício que pede ao professor acerca da sua própria prática. Trazer as narrativas que acontecem na escola, podem estabelecer uma reflexão sobre a prática que organiza e irradia as premissas básicas do desenvolvimento profissional docente. José Contreras aponta que

ao estabelecer as relações entre a prática reflexiva do ensino em sala de aula, e a participação nos contextos sociais que afetam sua atuação, os professores reflexivos estendem sua deliberação profissional a situação social mais ampla (2012, p. 132).

Quando se estrutura sobre a própria ação pedagógica, elabora-se um processo metódico onde o professor constrói os conhecimentos acerca de sua profissão. Conhecimentos que não se aplicam a ação, mas está personificado nela (2012, p. 107).

Figura 04 – Futuro e presente



Fonte: Eduarda

Quando Eduarda elabora duas figuras semelhantes sobre o professor hoje e daqui a 100 anos, personificado no mesmo indivíduo mais novo (direita) e outro atravessado pelo tempo (esquerda), ambos cultivam as mesmas dinâmicas de sala de aula. Entra em questão a cristalização do sujeito que não revê as próprias práticas. Donald Schön chama de reflexão-na-ação a forma com que “habitualmente entendemos a ação que realizamos, que emerge para podermos analisá-la em relação a situação na qual nos encontramos, e reconduzi-la adequadamente” (Contreras, 2012, p. 107).


Figura 06 - Futuro

Fonte: Érika

Em contrapartida, Érika considera que no futuro as dinâmicas escolares serão diferentes e toda a estrutura da escola será digital. No desenho, um professor sorri enquanto dá aulas à distância para uma aluna que aparece na tela do notebook repousado em cima de uma mesa. As tecnologias digitais permeiam o universo da criança, muito acentuado pela recente pandemia.

A educação sofreu fortemente os impactos da pandemia. O fechamento das escolas e o ensino à distância intensificaram problemas já existentes, como a evasão e o retrocesso no aprendizado, atingindo principalmente a rede pública, onde a utilização dos materiais para o ensino remoto foram comprometidos pela falta de acesso. Além disso, a repentina mudança na estrutura educacional pegou de surpresa professores e famílias que não estavam preparadas para uma nova forma de ensino. Os professores tiveram que se adaptar e ajustar os seus conteúdos as tecnologias digitais, sem qualquer introdução prévia que pudesse ser explorada para melhor atingir os objetivos de aprendizagem dos alunos. Do outro lado da tela, as famílias também despreparadas para receber a escola dentro de casa, muitas vezes sem qualquer eletrônico minimamente viável, internet precária e falta de estrutura adequada, contribuíram para o distanciamento da maior parte dos alunos por quase dois anos. A pandemia eliminou abruptamente as fronteiras escolares erguidas nos dois últimos séculos. Se antes cabia a “uma instituição de ensino especializada a reponsabilidade principal da educação das novas gerações” (Nóvoa, 2021, p. 06), o confinamento trouxe as ilusões de substituição da escola pela “casa” e pelas “tecnologias”, ganhando a força que precisavam para sua implementação.



Essas novas e impostas formas de ambientes escolares trouxeram, na prática, a possibilidade de transpor o habitual modelo. As tendências de desescolarização, desmontam não somente a fisicalidade da escola, mas também o lugar de um espaço público comum da educação. António Nóvoa destaca que

Em casa, estamos num lugar que é nosso; na escola, num lugar que é de muitos: e ninguém se educa sem iniciar uma viagem juntamente com os outros. A grande vantagem da escola é ser diferente da casa. Por isso, é tão importante a colaboração entre a escola e as famílias, porque são realidades distintas e ganham, uma e outra, com essa complementaridade (2021, p.06).

Na escola estamos entre as trocas, as multiplicidades e as heterogeneidades. O que nós sabemos “depende, em grande parte do que os outros sabem. É na relação e na interdependência que se constrói a educação” (2021, p. 08). De uma hora para a outra fomos retirados desse ambiente e arremessados à virtualidade como uma solução cabível no momento, tentativa de “manter certa “continuidade educativa”, a fim de não cortar os laços com os alunos e proteger a saúde pública” (2021, p. 12). No entanto, essa solução jogou luz em diversas problemáticas que nos permitiu ver, e o “modo como for interpretado e avaliado determinarão o futuro da civilização em que vivemos” (Santos, 2021, p. 28). Se a pandemia nos permitiu ver, é o olhar atento sobre as luminosidades incidentes que poderá dar bases para pensar, elaborar e organizar perspectivas para o que temos e para o que queremos diante de uma educação pós-pandêmica.

Charlot coloca que a escola

fala aos alunos de objetos que não se encontram no mundo cotidiano deles, e as vezes, em nenhum mundo sensível e leva-os para universos que apenas existem no pensamento e na linguagem. Sendo assim, a escola possibilita a objetivação do mundo e o distanciamento para com ele e que abrem janelas para outros espaços e tempos, para o imaginário e o ideal (2008, p. 30).



Figura 07 - Presente



Fonte: Alexsander

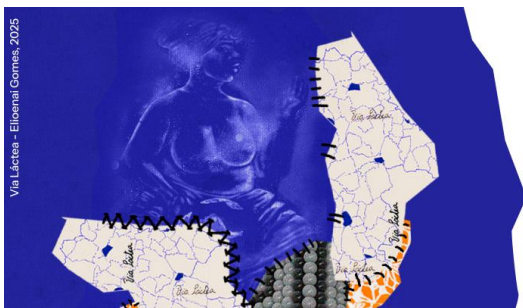
Outra especificidade se estende aos comportamentos e as relações. Alexsander conta que estar na escola é fazer todas as atividades e tentar não jogar bolinhas de papel nos colegas que falam alto, fato representado na base no desenho, onde uma mão segura um lápis e na outra a esfera pronta para ser arremessada. A escola também é um espaço de conflito, o lugar da vida e dos encontros.

Figura 08 - Futuro



Fonte: Gabriel Menezes

Encontros que se dão também em meio as tecnologias. Na obra de Gabriel Menezes, uma lâmpada irradia luz amarelada por toda a sala de aula em que o professor, os alunos e a equipe de manutenção estão, segundo ele, *vendo vídeos de “educar”*, ao mesmo tempo em que a merendeira espia pela porta chamando a turma para o lanche. Apesar de, no futuro, Gabriel enxergar a profissão como uma sequência de vídeos que o professor irá transmitir nas aulas, isso não será à distância, pelo contrário, ele reúne em um mesmo espaço físico vários elementos da escola. Essa obra nos remete a presencialidade dos afetos.



Não existe educação sem que haja uma “simpatia antropológica” (Charlot, 2008, p. 28) entre educadores e estudantes. Os afetos estão presentes nas relações com quem compartilhamos uma porção da vida, nesse caso em meio a rotina escolar dos conteúdos e aos diálogos que podem surgir dentro e fora da sala da aula. Esse afeto é “o sentimento que une as gerações que se sucedem” (p. 29) e que pode se tornar uma via de acesso para criança. Contudo, Charlot também alerta sobre esse afeto não tornar-se uma obrigação.

Deve respeitar a sua dignidade, deve fazer tudo o que puder para formá-los; não é obrigado a amá-los. Não se pode assentar a escola democrática sobre sentimentos. A escola democrática é aquela onde o professor ensina e educa todos os alunos, incluídos os de quem não gosta e os que não gostam dela. Claro que a situação é melhor quando professor e aluno gostam um do outro, mas isto não é uma obrigação nenhuma, nem fundamento da escola. A escola não é lugar de sentimento, mas lugar de direitos e deveres. Essa escola é que pode ensinar a cidadania (2008, p. 29-30)

Essa demarcação é muitas vezes encarada como desumanização, o professor que não demonstra ou retribui afeto acaba numa linha tênue entre a insensibilidade e a restrição ao ensino. Mas afinal, qual é o papel do professor nessas dinâmicas?

Figura 09 - Futuro



Fonte: Érika

Segundo a Érika, os professores hoje tem o dever de *ajudar os alunos a fazer as atividades e os trabalhos*. O que Érika aponta, é sobre auxiliar os estudantes na elaboração de significações que podem ser construídas através dos conteúdos, vinculando o saber cotidiano com o saber científico. É na jornada intelectual que o aluno dará sentidos as coisas que aprende, o que implica que o “docente não seja



apenas professor de conteúdo, isto é, de respostas, mas também, e em primeiro lugar, professor de questionamentos” (Charlot, 2008, p. 25).

Na busca por embarcar nessa viagem reflexiva através das obras dos alunos, o presente artigo tenta levantar mais questionamentos do que respostas. Colocar a voz e o traço do aluno, além das teorias e dos conceitos aqui trabalhados, nos revela diretamente um presente e um futuro que surge do olhar atento da criança. O conhecimento da criança parte dos movimentos de convivência, observação, interação, comunicação, construção e reconstrução com a vida, movimentos que nós professores em algum momento perdemos ou esquecemos. Se Lavínia pinta um futuro laranja, que seja referente a prosperidade, alegria e energia, propriedades características da cor ou, construindo um cenário trágico, colocando o colete salva-vidas antes de cairmos do bote, torcendo para que alguém nos resgate.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abro espaço aqui para colocar a primeira pessoa na escrita do texto, acerca de um fato singular me que chamou a atenção nos trabalhos dos alunos: a minha representação morta daqui a 100 anos. Retrato nem tão singular, uma vez que se repetiu em três trabalhos.

Figura 10 – As mortes do professor



Fonte: Laura, Evelyn e Miguel Corrêa

Laura explica, no primeiro desenho, que fui morto por um tiro. Curiosamente, somente o pescoço e a cabeça estão pintados de laranja, região atingida pela bala. Evelyn diz que fui atropelado por um ônibus e meu corpo, estirado na rua, servia de



entretenimento para as pessoas que riam na calçada. Já Miguel Corrêa conta que fui engolido por um peixe e permaneci intacto em seu estômago.

Essas narrativas, além de serem frutos de uma peripécia em que fui divertidamente conivente, me fizeram pensar sobre a morte do ser professor. Não de forma literal, mas na perda do sentido da docência, manifestada por exaustão, falta de condições mínimas de trabalho, salários baixos e desvalorização da profissão ou, por esses mesmos motivos, exercem o trabalho de forma mecânica e estratificada no tempo, negligenciando as possibilidades do próprio fazer. Diante desse cenário, como a figura e o ser professor permanecem no presente e que contornos terá no futuro?

REFERÊNCIAS

CHARLOT, B. **O professor na sociedade contemporânea: um trabalhador da contradição**. Revista da Faeeba, Salvador, v.17, n.30, p. 17-31, jul/dez, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/issue/view/227/126>

CONTRERAS, José. **A Autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2012.

DINIZ-PEREIRA, J. E. **Lentes teóricas para o estudo da construção da identidade docente**. Educação em Perspectiva, Viçosa, MG, v. 7, n. 1, 2016. DOI: 10.22294/eduper/ppge/ufv.v7i1.735. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/6867>

NÓVOA, Antonio; ALVIM, Yara Cristina. **Os professores depois da pandemia**. Educ. Soc., Campinas, v. 42, e249236, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/mvX3xShv5C7dsMtLKTS75PB/?format=pdf>

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O futuro começa agora: da pandemia à utopia**. São Paulo: Boitempo, 2021.